

# Os Incels, a desesperança e a misoginia: um estudo psicanalítico<sup>1</sup>

## Incels, hopelessness and misogyny: a psychoanalytical study

Emanoella dos Santos Ruffo<sup>2</sup>, Paulo José da Costa<sup>3</sup>

Como citar esse artigo. RUFFO, E. S. COSTA, P. J. Os Incels, a desesperança e a misoginia: um estudo psicanalítico.

Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 15, n. 3, p. 259-271, set./dez. 2024.

### Resumo

Este artigo apresenta uma tentativa de compreensão psicanalítica sobre os incels, indivíduos que se reconhecem como celibatários involuntários, a partir dos seus relatos na internet. Foi realizada uma análise de conteúdo em fóruns on-line incels, de postagens onde os participantes falavam de suas histórias de vida e de suas experiências, das quais emergiram seis categorias temáticas, compreendidas à luz da teoria kleiniana. Tais categorias centralizaram-se na percepção de um mundo hostil, solidão, desejos de vingança, desesperança, noções rígidas sobre sexo e gênero, bem como um senso de privilégio ferido (no caso, o privilégio de ser alvo do desejo feminino). Nos discursos analisados evidenciou-se a presença de culpa e inveja, do uso exacerbado de defesas psíquicas regressivas para lidar com as angústias, de dificuldades nas relações objetais, que nesses casos culmina com intensas manifestações de insegurança, autodepreciação, impulsos hostis, desesperança e misoginia.

**Palavras-chave:** Incel; Celibato involuntário; Manosfera; Masculinidade; Psicanálise.



### Abstract

**Nota da Editora.** Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

This article presents an attempt at a psychoanalytical understanding of incels, individuals who recognize themselves as involuntary celibates, based on their reports on the internet. A content analysis was carried out in online forums, where participants spoke of their life stories and their experiences, from which six thematic categories emerged, examined under Kleinian theory. Such categories were centered on the perception of a hostile world, loneliness, desires for revenge, hopelessness, rigid notions about sex and gender, as well as a wounded sense of privilege (the privilege of being the target of female desire). The analysis pointed to the presence of guilt and envy, as well as the constant use of regressive psychic defenses to deal with anguish and difficulties in object relations, all of which culminates in intense manifestations of insecurity, self-deprecation, hostile impulses, hopelessness and misogyny.

**Keywords:** Incel; Involuntary celibate; Manosphere; Masculinity; Psychoanalysis.

## Introdução

O conceito de celibato involuntário foi apresentado por Donnelly *et al.* (2001) como um estado no qual um indivíduo deseja manter relações sexuais, mas não consegue concretizá-las, sentindo-se aflito por não encontrar um parceiro. Segundo os autores, esta situação ocorre com sujeitos de diferentes

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Artigo derivado da dissertação de Mestrado, intitulada "O Fenômeno Contemporâneo dos Incels: uma investigação psicanalítica", defendida pela primeira autora e orientada pelo segundo autor no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup>Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UniFatec, Paranavaí, Paraná, Brasil.

<sup>3</sup>Doutor em Psicologia Clínica. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil.

E-mail de correspondência: pjcosta@uem.br

Recebido em: 08/09/2024. Aceito em: 17/10/2024.

identidades e orientações sexuais, podendo acontecer inclusive com indivíduos cujos parceiros não têm interesse em manter relações sexuais com eles, assim como pessoas solteiras que não conseguem encontrar um parceiro, independente de terem ou não iniciado sua vida sexual. Alguns fatores podem dificultar a atividade sexual de algumas pessoas, como a timidez e a autoimagem negativa, além de aspectos relativos à sua rotina e estilo de vida, que dificultam o encontro com potenciais parceiros (Donnelly *et al.*, 2001).

Maxwell, Robinson, Williams e Keaton (2020) afirmam que habilidades sociais reduzidas contribuem para um ciclo de isolamento e solidão, pois pessoas solitárias teriam maior propensão a perceber mais intensamente interações sociais negativas, o que reforçaria a percepção de serem segregadas pelas pessoas ao seu redor. Outro aspecto destacado pelos autores é o fato de que indivíduos com menos vínculos sociais estariam mais alertas frente a ameaças sociais, o que poderia se associar ao celibato involuntário a depressão, a autoconfiança reduzida e o aumento na ansiedade. Conforme Donnelly *et al.* (2001), 35% dos indivíduos em situação de celibato involuntário relataram frustração, raiva e insatisfação com a falta de parceiros sexuais, além de considerarem uma passagem incompleta para a idade adulta, dado que a redução da atividade sexual ser esperada apenas em casos de doença, certas deficiências ou idade avançada.

Neste cenário insere-se a comunidade *incel*, termo derivado da expressão em inglês para celibato involuntário (*involuntary celibate*), que se caracteriza pela frustração com a ausência de relações sexuais, mas difere de outras modalidades de celibato contra a vontade por apresentar uma filosofia particular (Zimmerman *et al.*, 2018). O termo *incel* se originou junto com uma proposta de comunidade *on-line* no final dos anos 1990, que visava congregar pessoas em geral com dificuldades de estabelecer vínculos afetivos e relações amorosas. Com o passar dos anos, esse espaço virtual divergiu de sua proposta inicial e passou a agregar celibatários do sexo masculino que expressavam ódio direcionado ao sexo feminino, aos homens sexualmente bem-sucedidos e a si próprios (Høiland, 2019; Zimmerman *et al.*, 2018).

Segundo Lilly (2016), os *incels* acreditam que o mundo lhes deve relações sexuais, e sujeitos que agem prejudicando sua satisfação – como mulheres que lhes recusam relacionamentos – são responsáveis por oprimi-los. Consideram também que o movimento feminista trouxe prejuízo à sociedade, por reduzir as chances masculinas de encontrar parceiras sexuais disponíveis, pois com o empoderamento e a independência do sexo feminino, as mulheres passaram a ter preferência por homens com mais atrativos físicos, desprezando aqueles considerados inferiores (Zimmerman *et al.*, 2018). Assim, nota-se que a visão destes sujeitos é pautada em concepções conservadoras acerca dos gêneros, desejando o reestabelecimento de uma organização social machista, na qual os homens têm mais poder sobre as mulheres.

Atualmente, a organização dos *incels* enquanto comunidade se dá no ciberespaço, por meio de *sites* e fóruns que favorecem a manutenção de seu anonimato, tais como *Reddit*, *4chan* e outros *imageboards*, além de fóruns em *sites* específicos sobre o tema. Isto facilita a discussão de aspectos da intimidade do indivíduo, como as razões de cada um para o celibato, mas também promove um rompimento com a identidade *off-line*, permitindo que os participantes de tais comunidades desenvolvam uma mentalidade coletiva que é reforçada a partir de sua própria cultura, na qual existe a possibilidade de escapar às responsabilidades das ações *on-line* (Burgess *et al.*, 2001; Manivannan, 2013). Esta forma de se organizar também os aproxima de um conjunto *on-line* de conteúdo, chamado *manosfera*.

Este termo (*manosphere*, em inglês) surgiu no fim dos anos 2000 para denominar uma comunidade virtual focada nos interesses masculinos (Ging, 2019), constituindo-se como um grupo *on-line*, descentralizado, ao qual pertencem fenômenos diversos, mas que convergem por partilhar a ideia de que as transformações sociais decorrentes do feminismo trouxeram prejuízos aos seus direitos e à sua qualidade de vida, existindo uma opressão por parte de mulheres e de outros homens (Hunte, 2019; Lilly, 2016; Schmitz; Kazyak, 2016).

Há outros três grupos que coexistem nesta esfera de relações juntamente com os *incels*: os ativistas dos direitos masculinos, que buscam melhorias nos direitos legais masculinos como o fim do alistamento militar obrigatório e da pensão alimentícia, por entender que estes favorecem de forma

injusta as mulheres; os chamados homens trilhando seu próprio caminho (em inglês, *men going their own way*, ou MGTOW), que pretendem desenvolver uma visão própria acerca da masculinidade, rechaçando estereótipos preconcebidos à serviço do feminismo; e os artistas da paquera, centrados em desenvolver técnicas que os permitam conquistar o maior número de mulheres, para aumentar seu valor sexual de mercado, aproximando-os da condição de macho alfa (Høiland, 2019; Lilly, 2016). Todos estes grupos, embora distinguindo-se pela relação que estabelecem com o ideal hegemônico de masculinidade, partilham da mesma visão de mundo, chamada de filosofia da pílula vermelha.

Tal conjunto de ideias tem como referência o filme *Matrix*, de 1999, no qual seu protagonista é confrontado com a escolha de ingerir duas pílulas, de cor vermelha ou azul. A primeira lhe daria a capacidade de conhecer a realidade que o cerca, enquanto a segunda faria com que retornasse ao mundo ilusório que até então era a sua realidade. Neste contexto, a pílula vermelha representa para os seus adeptos a difusão de verdades acerca da masculinidade que costumeiramente são negadas, como aquelas que reforçam um estado de desvirilização e opressão masculina. Esta filosofia entende que as qualidades do sujeito são expressas por seu valor sexual de mercado, vinculado com sua atratividade baseada em traços físicos consonantes com os estereótipos de gênero (Van Valkenburgh, 2021).

Tal forma de ver o mundo considera que existe uma economia sexual onde os homens são consumidores e as mulheres ocupam o papel de fornecedoras, ainda que sejam entendidas como irracionais, intelectualmente inferiores e geneticamente programadas para buscar o contato sexual com homens alfa. Nesta lógica, o feminismo seria uma estratégia para manipular os homens a oferecer satisfação e proteção para os filhos, assegurando tanto os parceiros com a melhor genética para a concepção, como aqueles com características que priorizam a segurança para proteger a prole (Ging, 2019; Van Valkenburgh, 2021).

Essa filosofia distingue os indivíduos em categorias: homens que expressam a masculinidade conforme o padrão hegemônico são chamados de *Chads* ou alfas, e ocupam o topo da hierarquia social e do direito de ter relações sexuais com as mulheres que desejarem; os betas ou *normies*, que se beneficiam por suprir as necessidades de segurança e proteção; e os *incels*, indivíduos em posição indesejável, por não terem aparência atraente (Ging, 2019). As mulheres são categorizadas como *Stacy* (alfa) ou *Becky* (beta), de acordo com sua aparência física (Maxwell *et al.*, 2020).

Os *incels* partilham desta visão de mundo com os grupos citados, mas distinguem-se por entenderem que os indivíduos não podem transformar as condições que os colocam nessas categorias, sendo este o cerne do que eles chamam de filosofia da pílula negra, ou *blackpill*, como uma expansão das noções da pílula vermelha. Em síntese, os indivíduos não têm como mudar o seu valor sexual de mercado, aprisionados a fatores genéticos, que determinam quais traços associados à virilidade o sujeito possui, sendo este o único critério tomado pelas mulheres na escolha de seus parceiros. Portanto, homens diferentes do padrão caucasiano, com pouca musculatura, estão fadados ao celibato involuntário e ao fracasso nas relações, numa visão desesperançosa de suas perspectivas quanto ao futuro (Baele *et al.*, 2021). Para os *incels*, esta é a realidade que a maior parte do entorno social busca negar, iludindo-os com a ideia de que a personalidade também é importante em um relacionamento, e de que não fazem esforço suficiente para encontrar uma parceira. Segundo esta visão de mundo, isso faz parte da conduta feminina de dominação dos homens. Este grupo considera que sua vida não pode ser desviada desta trajetória de fracasso, restando aos participantes desta comunidade encontrar formas de tolerar sua existência, ou escapar dela pela morte. Tal ideia é sintetizada na expressão *cope or rope* (enfrentar ou corda, em tradução livre), que faz parte do discurso destes sujeitos.

Maxwell *et al.* (2020) constataram que há pouca compreensão e diálogo por parte dos *incels* com pessoas fora de sua comunidade, as quais são percebidas como incapazes de entender a sua angústia e que minimizam e descredita suas vivências de sofrimento. Isto reforça a percepção dos *incels* de que estão isolados no mundo e de que são fruto da rejeição dos *normies*. Quanto a isso, Høiland (2019) afirmou a existência de cinco narrativas centrais para o modo de pensar destes indivíduos: o sexo determina o valor de um homem; a aparência física é tudo; mulheres são inferiores aos homens; o feminismo exclui os homens; e uma narrativa de solidão. A autora constatou que os *incels* seriam protagonistas em todas essas

linhas narrativas, ocupando sempre o papel de vítima e antagonizados pelas mulheres, pelo feminismo, pelos *Chads* e os homens liberais. Afirma que a identidade dos *incels* centra-se no valor masculino pela prática sexual, o que os condena a um papel de fracasso e inutilidade (Høiland, 2019).

O sexo feminino é um antagonista, por negar a satisfação sexual desejada, mas figuras masculinas também ocupam este lugar. A figura do *Chad*, o macho alfa como o ideal dos desejos femininos, é vista com inveja por conta de seus privilégios sociais e vantagens conquistadas pela aparência física (Baele *et al.*, 2021; Maxwell *et al.*, 2020). Embora os *incels* cobicem as mulheres e se ressentem pela ausência do desejo feminino por eles, a sua filosofia as define como inferiores.

Tendo em vista as considerações apresentadas, o objetivo da presente investigação foi desenvolver uma tentativa de compreender o fenômeno dos *incels* por meio de seus relatos encontrados em fóruns *on-line*, a partir de uma perspectiva psicanalítica.

Um dos pontos de partida para os estudos de Melanie Klein foi a natureza conservadora das pulsões, conforme proposto por Freud (2010b). A autora considerou que tais pulsões manifestam intensamente suas forças contrárias desde o princípio da vida do sujeito, gerando estados de ansiedade e desintegração, dada a imaturidade do psiquismo. A partir de seus estudos sobre a ansiedade, Klein (1991b) deu destaque à agressividade, onde os impulsos agressivos são entendidos como uma manifestação pulsional tão importante quanto a libido.

O recém-nascido dispõe de um ego rudimentar, que tende à não-integração em consequência da ansiedade excessiva, derivada da pulsão de morte, e sua capacidade perceptiva registra que sensações boas e ruins lhe são transmitidas – calor, alimentação, carinho, assim como frio, fome e a solidão que prolonga a insatisfação de alguma de suas necessidades. Ainda que tais vivências sejam provocadas pela presença ou ausência de uma única figura responsável pelos cuidados do infante – a materna – o registro feito pelo bebê limita-se ao seio que lhe oferece satisfação, ou que se furta quando a criança o deseja. (Klein, 1991a)

A figura materna, quando surge no momento oportuno para satisfazer a fome do bebê e oferecer-lhe a satisfação oral de sugar, é sentida como dotada de qualidades inesgotáveis, capaz de manter longe do bebê os estados de ansiedade e tensão. Em outras circunstâncias, a ausência da mãe em um momento de aflição, ou sua presença excessiva e intrusiva, provocam experiências frustrantes na criança, que passa a perceber o seio como um elemento responsável por suas experiências negativas (Klein, 1991d, 1996b, 1996c).

Assim, dois objetos distintos e antagônicos se estabelecem no psiquismo infantil – um bom e outro mau – que se tornam as primeiras formas de interação com o mundo externo. Estes objetos constituem protótipos auxiliares nas relações futuras, estabelecem imagens representativas de como a criança entende as pessoas ao seu redor e auxiliam o bebê nas tentativas de aliviar-se das sensações de ansiedade decorrentes do sofrimento, utilizando mecanismos defensivos introjetivos e projetivos: incorporando o que é percebido no mundo externo e atribuindo ao objeto mau o ódio sentido pelo infante, como um recurso para diminuir a ansiedade que toma o ego (Klein, 1991a, 1996b).

Inicialmente, o objeto mau é sentido como fonte de sentimentos negativos e serve como depositário das fantasias destrutivas, o que favorece a uma certa diminuição da ansiedade. Outros recursos defensivos neste estado inicial são a onipotência, a negação e a idealização. A onipotência baseia-se na negação ao evitar a vivência da dor que surge pela dependência do bebê e consequentes rupturas oriundas na relação com terceiros, respaldando-se na supressão de aspectos da percepção da realidade vivenciada pelo sujeito. A idealização também é reforçada pela negação, que pode apagar elementos negativos de um objeto, contribuindo para a sua percepção como um objeto ideal, ampliando seus aspectos positivos e utilizando esta imagem como proteção contra os maus objetos internos. (Hinshelwood, 1992; Klein, 1996a)

Nos estados iniciais, este modelo objetal cindido ajuda o indivíduo a manter suas qualidades em segurança, internalizando os aspectos bons e as sensações positivas despertadas pelo seio, sem que

estas sejam momentaneamente ameaçadas pela intensidade dos aspectos agressivos. Assim, recursos defensivos, como a idealização, contribuem para o desenvolvimento psíquico: uma de suas ações é diminuir a ocorrência de estados de confusão que alimentam a ansiedade, por associar sentimentos destrutivos aos objetos amados (Hinshelwood, 1992). Com isso, há uma diminuição da ansiedade a qual o ego está sujeito no início da vida psíquica e favorece a dinâmica que envolve a preservação e a expulsão de objetos bons e maus, conforme a necessidade, contribuindo para a progressiva integração do ego (Klein, 1991a).

Klein (1997) entende que a formação psíquica se baseia em posições, termo utilizado por ela para indicar organizações próprias de relações de objeto, ansiedades e defesas que se constituem na tenra infância, mas que se conservam no decorrer da vida, não sendo, portanto, meramente uma fase do desenvolvimento. Segundo Klein (1991b), o momento que sucede o nascimento constitui a posição esquizoparanóide, em que o sujeito apresenta uma carência de recursos para lidar com as ansiedades e se apoia em mecanismos de defesa arcaicos para lidar com as ameaças de fragmentação ao ego. Aproximadamente entre quatro e seis meses de vida, o sujeito amplia sua capacidade de ter contato com o ambiente, o que lhe permite integrar os objetos parciais em uma figura mais próxima da realidade, possuidora de aspectos positivos e negativos.

Contudo, esta capacidade de integração promove no infante o conhecimento de que seu objeto alvo de desejo e cuidado é também o mesmo que é vitimado por suas fantasias sádicas. Esta percepção estabelece a posição depressiva, estado em que o sujeito é tomado por ansiedades ligadas ao objeto, ao compreender o risco que este corre ante sua agressividade e vivenciando o temor de tê-lo danificado (Hinshelwood, 1992; Klein, 1996a). Diversas fantasias ligadas aos ataques realizados contra o objeto passam a evocar sentimentos de medo e de culpa pelos danos infligidos à pessoa que também representa a fonte de amor e segurança do sujeito. Neste momento, o indivíduo defronta-se com sentimentos de ambivalência, necessitando suportar a ansiedade depressiva que se faz presente, diante da constatação da perda dos antigos objetos perfeitos e da diminuição da onipotência infantil.

De acordo com Klein (1991c), a posição depressiva oferece a possibilidade de sentimentos de amor para com o objeto, apesar de suas imperfeições; enquanto na posição esquizoparanóide os aspectos maus fazem com que o objeto seja sentido como um perseguidor. Desse modo, a solução dada pelo sujeito ao conflito entre amor e ódio que caracteriza a posição depressiva tem implicações em sua capacidade de amar e de estabelecer relações maduras no futuro, dependendo de como este suporta a ansiedade depressiva – caracterizada pelo temor presente na posição esquizoparanóide de aniquilação do ego, mas acrescida do medo de ter danificado seus objetos bons, evocando no sujeito a sensação de ser incapaz de protegê-lo de ataques sádicos (Klein, 1991c, 1996a).

Quando o manejo adequado do sentimento de culpa tem um desfecho positivo, preserva a capacidade do sujeito de sentir-se digno de amor e, posteriormente, amar outras pessoas. Para Klein (1996a), a vivência deste sentimento mobiliza o surgimento de uma nova defesa, a reparação, que surge com a maior capacidade psíquica de compreender os aspectos contraditórios de um mesmo objeto. Ao estabelecer uma identificação com o alvo da reparação, o indivíduo deseja sacrificar-se para recuperar os objetos castigadas nas fantasias infantis, buscando minimizar os danos consequentes dos ataques destrutivos, reduzindo a intensidade da culpa e assegurando-se que o objeto possa continuar sua existência sem converter-se em um perseguidor internalizado, que desperta ansiedade por conta de seu estado danificado e ligado a sentimentos negativos. A reparação faz com que o indivíduo busque preservar e cuidar de seus objetos, enfatizando seus aspectos bondosos e amplificando a sensação de amor e segurança sentida pelo sujeito (Klein, 1991c, 1996c).

O desenvolvimento da reparação pode ser prejudicado, seja pelo surgimento prematuro da culpa, seja por intensa inveja em relação ao objeto. Klein (1991d) afirma que a inveja é o sentimento de que o outro é possuidor de qualidades e as mantém apenas para sua satisfação; e essa percepção de que estes estados de prazer são furtados do sujeito é algo que atrapalha o desenvolvimento de sua capacidade de amar. A constatação de tal carência afeta o fundamento de sentimentos calcados na satisfação, tais como a gratidão e a felicidade, que a autora define como a condição de “ser plenamente compreendido, o que

é essencial para toda relação amorosa ou amizade felizes” (Klein, 1991d, p. 219).

As relações objetais de caráter invejoso estabelecidas pelo sujeito provocam um aumento da sensação de perseguição, considerando que a privação da satisfação produz sensações desagradáveis, passando o objeto a ser visto como um inimigo. Estados excessivos de inveja desencadeiam defesas para lidar com esta hostilidade, muitas delas calcadas em estados esquizoparanóides. Entre elas, a desvalorização do *self* e do objeto, que se traduz em ataques: ao indivíduo, por fracassar em preservar seu objeto bom, que recebe um castigo nesta desvalorização; e ao objeto, negando e despojando-o de suas qualidades, para que não possa ser invejado. Estados de confusão também podem funcionar como defesas, por atenuar os sentimentos de culpa e de perseguição diante de um objeto cujo valor é incerto, assim como a mitigação dos sentimentos amorosos, que são substituídos por ódio ou indiferença, na tentativa de minimizar a culpa resultante do encontro entre o amor, o ódio e a inveja (Hinshelwood, 1992; Klein, 1991d).

A presença excessiva de sentimentos invejosos prejudica a experiência infantil de gratificação oral, o que pode ter efeitos nas experiências de satisfação genital. Para Melanie Klein (1991d), a expressão sexual genital decorrente de uma oralidade insegura, pois nela permanecem as desconfianças e desapontamentos que comprometeram a satisfação oral – algo que, futuramente, pode comprometer a capacidade do indivíduo de vivenciar um orgasmo genital pleno. No sexo masculino, a inveja excessiva das qualidades do seio pode ter como consequência o estabelecimento de uma atitude genital problemática frente às mulheres.

Além disso, Klein (1996c) também observa que algumas pessoas carecem constantemente de manifestações carinhosas, tendo estas a função de reassegurar ao indivíduo que ele continua sendo digno de amor, afastando seus medos de não ser capaz de conter sua agressividade, tornando-se perigoso para a pessoa amada. A autora ainda afirma:

Quando a ansiedade persecutória aumenta nessas pessoas, por motivos internos ou externos, elas perdem completamente seu objeto originário bom ou, melhor dizendo, seus substitutos, sejam essas pessoas ou valores. Os processos subjacentes a esta mudança são um retorno regressivo a mecanismos arcaicos de cisão e desintegração. (Klein, 1991d, p. 221)

Uma dependência intensa de mecanismos defensivos, como forma de proteger-se das ansiedades paranoides e depressivas, pode ocasionar falhas na internalização dos objetos, prejudicando o desenvolvimento psíquico. Defesas características da posição esquizoparanoide são utilizadas com maior frequência, na posição depressiva, caso o indivíduo encontre-se dominado por ansiedades associadas à culpa ou a inveja – situações que evocariam grande receio de conviver com um objeto danificado e perigoso. Neste cenário, a cisão atua distanciando os elementos persecutórios e violentos do ego, favorecendo a uma fragmentação similar no psiquismo (Klein, 1991a).

Uma ocorrência que pode ser entendida à luz desta falha é a melancolia, descrita por Freud (2010a). O estado melancólico se aproxima do luto, vivência decorrente da constatação de que um objeto fonte de gratificação não se encontra mais na realidade do sujeito. Contudo, a melancolia diverge do luto por sua perda de interesse pelo mundo exterior, assim como da capacidade de amar e da autoestima do sujeito – um estado de empobrecimento do eu, traduzido em recriminações persistentes feitas ao próprio indivíduo, sem explicação aparente. O autor observa que estas recriminações são, na verdade, direcionadas ao objeto amoroso perdido devido às decepções sofridas, que recaem sobre o ego por conta de uma identificação narcísica (Freud, 2010a).

Klein (1996a) entende o quadro melancólico a partir do estabelecimento de um superego excessivamente rígido, com exigências rigorosas e recriminações, na intenção de auxiliar o ego a conter sentimentos agressivos, visando resguardar o objeto bom. Pelo uso da idealização, que auxilia na manutenção da distância entre os objetos, surge a necessidade de se adequar a padrões morais elevados,

requisitados de forma severa e cruel, já que as defesas não conseguem separar por completo o objeto idealizado do objeto hostil. A autora comenta sobre o suicídio, no qual busca-se o rompimento das relações com o mundo externo na tentativa de proteger os objetos reais de sentimentos extremos de ódio, advindos de partes do ego que se identificam com objetos hostis (Klein, 1996a). De forma similar, nota-se no estado melancólico a busca por romper este contato com elementos da realidade externa.

Além destas perturbações, Klein (1996c) aponta outros entraves na busca por uma solução para o conflito entre o amor e o ódio, que podem afetar as relações adultas de um indivíduo. Atitudes repetidamente infiéis, desinteressadas ou excessivamente vorazes podem ser manifestações de atitudes defensivas em relação ao objeto internalizado. Há consequências na vida sexual do indivíduo, já que os desejos sexuais têm ligação com a agressividade e vão sendo modificados ao longo do tempo, por meio da repressão. Caso essa repressão ocorra em demasia, pode haver prejuízo da satisfação dos desejos sexuais.

## Aspectos Metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa (González Rey, 2005), sendo adotada metodologicamente a Análise de Conteúdo, conforme proposta por Moraes (1999), que visa a exploração qualitativa de materiais que representem alguma forma de comunicação, a fim de buscar informações sobre os fenômenos que não podem ser acessadas por métodos quantitativos.

Segundo Moraes (1999), a análise de conteúdo se pauta em uma interpretação do material selecionado e, embora este processo não permita a compreensão simultânea de um fenômeno por todas as suas nuances, a delimitação de um recorte contribui para o aprofundamento do saber acerca do objeto de estudo. O autor afirma que este método pode ser utilizado com enfoques diferentes em relação a um mesmo objeto e, na presente investigação, centrou-se nos emissores das falas, entendendo as mensagens analisadas como representação destes sujeitos.

Na etapa de seleção do material, foram selecionados 45 tópicos disponíveis em três fóruns *on-line* diferentes, sendo estes os sites ativos encontrados a partir de uma busca utilizando como termo de busca *incel forum*, no *Google*, entre março e junho de 2020. Como critério para seleção, foram priorizados tópicos nos quais os autores manifestavam pontos de vista pessoais em suas postagens – como em tópicos pedindo ajuda, expressando sentimentos vividos e contando suas histórias de vida – em detrimento de discussões centradas em humor, política e acontecimentos externos, que não remetiam diretamente à personalidade dos depoentes. Os usuários de tais fóruns não se identificavam por seus nomes e imagens reais, utilizando codinomes e imagens que preservassem sua identidade.

O material oriundo de publicações na internet não pode ter sua factualidade comprovada, mas ainda constitui um material válido para uma investigação psicanalítica, por oferecer contato com elementos subjetivos latentes de seus autores, considerando-se o papel central da fantasia subjacente a qualquer produção humana, enquanto expressão de conteúdos inconscientes refletindo aspectos da realidade psíquica (Freud, 2014).

A partir da definição do *corpus* da pesquisa, procedeu-se a leitura do material, tendo os pesquisadores um contato imersivo com o conteúdo a fim de selecionar as unidades de análise e delimitar os recortes do discurso que compuseram o material efetivamente analisado. As unidades foram associadas a categorias de análise, produzidas de modo a sintetizar os conteúdos anteriormente selecionados a partir do discurso dos sujeitos, seguindo critérios de validade consonante com os objetivos da pesquisa, exaustividade e homogeneidade (Moraes, 1999). As categorias estabelecidas centraram-se nas seguintes temáticas: a sensação de viver em um ambiente hostil; sentimentos de exclusão e solidão; expressões acerca de desejos violentos e vingativos, falas desesperançosas e de teor suicida; noções acerca do sexo, masculinidade e feminilidade; e a sensação de privilégio ferido. O processo de leitura e categorização gerou uma síntese dos elementos predominantes nos discursos, que foi compreendida à luz da teoria psicanalítica de Melanie

Klein.

No que se refere à ética em pesquisa com seres humanos, é preciso ressaltar que a presente investigação não necessitou ser submetida ao Comitê de Ética pertinente, tendo em vista que os depoimentos estavam publicados na *internet*, com acesso livre, sem qualquer restrição, bem como pelo fato dos usuários dos fóruns consultados não serem identificados, conforme já destacado acima.

## Alguns Resultados

Na análise de conteúdo realizada, constatou-se que nas mensagens dos *incels* havia diversas menções de que estes eram indivíduos indesejados, desprezados, cuja sociedade ao seu redor trabalhava ativamente para mantê-los excluídos das situações sociais que estes gostariam de desfrutar. Tais elementos compuseram a primeira categoria de análise, intitulada “um mundo hostil: a violência percebida”. Suas falas centravam-se na impressão de que, em igual medida, as mulheres e homens *normies* seriam responsáveis por este estado de exclusão, que reforça o discurso que pessoas de aparência fora do padrão têm menos valor do que as consideradas bonitas; como explicita um usuário: “*gente feia sempre é vista como perigosa. Todas as pessoas más nos filmes são mostradas como feias*”. Nas mensagens dos participantes, constam histórias sobre *normies* que obtiveram sucesso e vantagens apesar de um esforço mediano deles, algo que reforça a filosofia do grupo acerca das diferenças de tratamento oferecidas a pessoas conforme sua adequação ao cânone vigente de beleza. Outro participante cita:

*Tem vadias que passaram a adolescência inteira perdendo tempo e se divertindo e agora elas fizeram um onlyfans e ganham dinheiro que a maioria das pessoas só sonha em conseguir E AINDA ASSIM VOCÊ ESPERA QUE EU ACREDITE QUE TRABALHO DURO COMPENSA? Essa vida é uma piada cruel. Aparência define tudo na sua vida.*

Na ausência de possibilidade de transformar a sua aparência física e aumentar sua percepção de valor na sociedade que lhes é desfavorável, estes indivíduos se resignam a uma vida de insucesso e solidão. Além do que é relacionado à aparência, outros membros dos fóruns relataram vivências de exclusão vinculadas a elementos socioculturais, como a discriminação étnica. Outros ainda citam histórias de suas infâncias, contendo agressões verbais e físicas de seu ambiente familiar, ou *bullying* durante o período letivo – situações que repercutiram na construção de uma autopercepção negativa, com pouca autoconfiança.

Este cenário de rejeição evoca, nos *incels*, lamentações e desejos em relação à dificuldade em estabelecer relações sociais, particularmente as de cunho amoroso. Demonstram seus sentimentos de vazio e de carência, desejando receber amor e carinho de outras pessoas, algo ausente em suas vidas, o que lhes causa a sensação de serem menos humanos. A falta de relações parece alimentar fantasias de que são maus, ou de que vieram ao mundo para sofrer, por não terem a possibilidade de serem aceitos com suas características, conforme trecho a seguir: “*sei que você fica vendo todos os seus amigos recebendo amor e sexo enquanto você é privado disso graças a sua incrível genética de merda*”. Falas sobre esta temática compuseram a segunda categoria de análise, nomeada “solidão e exclusão: a violência sofrida”. Para os autores das postagens, as ações excludentes de outros homens e mulheres produzem neles uma vida desprovida de alegrias, o que amplia a desesperança e a descrença em sua capacidade de transformar sua condição. Um membro dos fóruns enfatiza a ausência de vínculos positivos na vida: “*Eu sou um incel. Não escolhi essa vida, não sou o que a sociedade diz que os incels são. Eu não odeio mulheres e não odeio pessoas. Eu não quero matar pessoas [...]. sou só um sofredor. Tudo o que eu queria era amar e ser amado, ser desejado, nada mais, nada menos.*”

Em resposta a esta situação, alguns indivíduos sinalizam seu desejo de agredir, física e



psicologicamente, as pessoas que entendem como seus algozes – elementos presentes na categoria de análise “vingança e reparação: a violência atuada”. Tais discursos entram em contradição com falas integrantes da categoria anterior, nas quais há afirmações que a condição de *incel* não é um sinônimo de conduta violenta. Esta discrepância evidencia a heterogeneidade deste grupo. Para alguns depoentes, ações violentas seriam uma forma válida de retribuir as situações humilhantes vivenciadas, buscando o rebaixamento das figuras que são vistas como responsáveis pelo seu sofrimento. Nas falas encontradas, os participantes dos fóruns descrevem homens e mulheres *normies* como pessoas terrivelmente malignas, cujas ações teriam a intenção de lhes causar prejuízo, o que justificaria o desejo de retribuições violentas. Isto pode ser exemplificado pelas unidades de análise:

*eu quero que todas as subfêmeas que me chamaram de feio, me humilharam, me inferiorizaram por causa da minha aparência e me zuaram aprendam uma lição [...]” e “hoje vi adolescentes bonitas e fiquei triste por não poder tê-las [...]. Eu meio que queria esmagar os rostos delas contra o balcão e estragar sua beleza.*

Tais concepções sobre a sociedade, a imutabilidade de suas condições e a sensação de sentirem-se violentados pelo sistema de valores mantido pelos *normies*, causa no grupo analisado sensações de desesperança, que em algumas circunstâncias é manifesta como o desejo de acabar com sua vida, como forma de escape da situação de sofrimento que se sustenta além do que conseguem suportar. Este estado também expressa a visão dos *incels* sobre si, enquanto indivíduos incapazes de agir em busca de transformações, cuja única possibilidade é suportar o sofrimento, em que um estado excessivo de dor psíquica só pode ser abolido dando fim à própria vida, como afirma um participante: “*não há esperança de escapar dessa prisão, não existe liberdade além disso, só um estado de sofrimento sem propósito*”. A expressão destes sentimentos constituiu a categoria de análise “suicídio e desesperança”, que conteve unidades de análise considerando a morte como possibilidade, diante de suas experiências com a rejeição e vínculos afetivos insatisfatórios. Em oposição às falas com manifestação de desejos agressivos contra terceiros, tais discursos tratam de outra possibilidade de destino para os impulsos agressivos, direcionando-os contra os próprios sujeitos.

A filosofia da pílula negra, que perpassa todas essas ideias centrais percebidas nas mensagens selecionadas, também tem uma visão muito específica acerca dos sexos. Nota-se que o ato sexual tem papel central na vida destes indivíduos, que utilizam exemplos mencionando que relações sexuais ocorridas sem consentimento ainda são melhores do que a condição da virgindade. Tal visão é moldada por impressões de sua realidade psíquica, e não leva em consideração a ideia de que a experiência sexual em circunstâncias indesejadas pode representar um ato de violência e sofrimento.

As mulheres são descritas como vis e perversas. Um participante as descreve como “[...] *b#%t@s sádicas que tem prazer com o nosso sofrimento*”, mas também são inferiores aos homens, pois sua constituição as leva a tomar decisões apenas com base na percepção genética do que seus parceiros sexuais podem oferecer à sua prole, ao passo que o sexo masculino é capaz de reflexões mais intelectualizadas. Já a concepção de masculinidade aprovada pelos *incels* reflete o padrão estabelecido como hegemônico, e os indivíduos depoentes valorizam sua superioridade conforme observam características em si próprios que refletem a imagem padronizada da masculinidade. Elementos encontrados na análise sobre as temáticas de sexo e papéis de gênero integraram a quinta categoria: “noções sobre sexo: masculinidade e feminilidade”.

Nota-se tal visão conflitante acerca do sexo feminino, tida como inferior, mas ao mesmo tempo, poderoso o suficiente para executar seus desejos malignos de causar sofrimento deliberado e explorar o sexo masculino. Além disso, os indivíduos analisados ressentem-se deste comportamento feminino, pois também manifestam seus desejos de serem reconhecidos e desejados pelas mulheres a ponto de conseguir manter um relacionamento amoroso. Falas como “*é totalmente injusto que mulheres feias ainda podem ser sexualmente usadas por um Chad enquanto homens feios não conseguem nem atenção de uma*

*mulher com o mesmo nível de beleza deles*”, evidenciam sua crença distorcida de que o sexo é sempre algo positivo, e que as mulheres são privilegiadas ao receber investidas mesmo contra sua vontade.

Tal estado de ressentimento se traduz na noção de um senso de privilégio ferido, uma visão na qual os sujeitos nutrem raiva e incompreensão diante do entendimento de que diversas qualidades que possuem (elementos consonantes com o estereótipo de masculinidade hegemônica) não garantem a eles o tratamento respeitoso que esperam. Estes indivíduos queixam-se de serem subestimados e ressentem-se ao saber que homens com características entendidas como negativas (manifestações não-hegemônicas da masculinidade, como um corpo não atlético ou etnia não branca) têm maior sucesso em suas conquistas amorosas. Os *incels* sentem-se derrotados e humilhados diante desta constatação, o que reforça seu discurso de que são indignos de gozar os prazeres que desejam. Em resposta, eles atacam e ofendem seus adversários, menosprezando-os e destacando seus aspectos que escapam do padrão hegemônico de masculinidade como evidência de sua inferioridade. Estas falas, acompanhadas de unidades de análise nas quais os *incels* atacavam a si próprios ao evidenciar suas características dissonantes do padrão masculino, como *“aceitei que eu sou um monstro sub-humano com genética lixo que nunca deveria ter existido pra começo de conversa”*, compuseram a última categoria de análise: senso de privilégio ferido e autodepreciação.

## Discussões Possíveis

A partir do contato estabelecido entre a análise de conteúdo e a teoria psicanalítica, foram elaboradas aproximações e interpretações acerca do material analisado. Entende-se que os *incels* são um grupo definido pela adoção da perspectiva da pílula negra diante do celibato involuntário, embora apresentem uma heterogeneidade em relação a características socioculturais, faixa etária e experiências com relacionamentos prévios, entre outras.

Ao tomar como objetivo a construção de interlocuções entre este fenômeno e a teoria psicanalítica, a produção de análises sobre o grupo estudado se deu a partir de uma amostra delimitada de falas produzidas por determinados sujeitos. Desta forma, a discussão apresentada não pretende oferecer generalizações que se apliquem integralmente a cada indivíduo que se reconhece como *incel*, tendo em vista a diversidade de circunstâncias que compõem cada experiência particular.

No tocante à visão de mundo persecutória na qual os *incels* sustentam sua filosofia de vida, pode-se compreendê-la como uma manifestação de defesas arcaicas, evocadas inicialmente nas experiências mais iniciais da vida psíquica, a partir da vivência com objetos ameaçadores. Os *normies* e as mulheres são equivalentes a perseguidores, cuja composição considera apenas seus aspectos maus e destrutivos, que são projeções do sujeito cuja ansiedade diante dos próprios impulsos agressivos o incapacita de reconhecê-los como parte de si. Na visão dos *incels*, aqueles que não fazem parte desse grupo sempre orientarão suas escolhas de relacionamento a quem tenha um valor sexual de mercado mais alto.

De forma similar, a expressão de ódio contra os grupos entendidos como responsáveis pela condição dos *incels*, passa por sentimentos de inveja e a mobilização de defesas contra esta. Suas falas misóginas e manifestações verbais do desejo de agredir quem os excluem, expressam fantasias sádicas que correspondem ao manejo dado pelo ego infantil às ansiedades mais arcaicas. Neste movimento baseado em defesas típicas de um desenvolvimento inicial do psiquismo, a cisão e a projeção dos impulsos agressivos acabam por empobrecer o ego, ao expulsar também aspectos positivos da personalidade. Isso também produz uma sensação de vazio e pode servir como reforço à narrativa dos indivíduos depoentes, de serem vítimas sem possibilidade de defesa diante de seus perseguidores.

A visão acerca das mulheres contém contradições, dependendo do papel atribuído ao feminino pelos *incels*. Nos contextos em que estão envolvidos com a frustração, a descrição do sexo feminino é a de criaturas vis, inferiores e cruéis, cuja natureza é a de destruir os sujeitos qualificados como inferiores em

termos de valor sexual. Contudo, ainda assim eles as desejam, pois são necessárias para a sua *ascensão*, termo usado pelos *incels* para se referir ao fim do celibato. Ao contribuírem para o estado de frustração e privação afetiva vivenciado pelos indivíduos depoentes, as mulheres em geral e suas genitálias passam a representar um objeto mau, que se nega a compartilhar suas qualidades e fornecer prazer para os rejeitados.

Esta vivência pode ser pensada à luz da noção kleiniana de inveja, que prejudica a resolução do conflito entre ódio e amor e perturba a integração do objeto por conta dos impulsos destrutivos que a ele são dirigidos. Supõe-se o uso da cisão, que segrega a mulher em imagos opostas: a bela, carinhosa e capaz de oferecer a solução para o sofrimento desses sujeitos em um relacionamento amoroso, boa o suficiente para ser desejada; e a fêmea vil, amoral e sub-humana, capaz de produzir apenas sofrimento em suas vidas. Essa mentalidade expressa dificuldade em entender o sexo feminino de modo mais realista, como possuidor de qualidades e defeitos.

Na narrativa dos *incels*, verifica-se que eles se percebem como sujeitos dotados do senso de um privilégio ferido. Seu confronto com a realidade, que diverge do esperado, provoca neles visões depreciativas tanto de si próprios quanto dos outros. As falas analisadas sugerem que é intolerável sentir-se desprezado em prol de outros homens que também possuem falhas. É possível entender que esta sensação de privilégio ferido diz respeito ao estabelecimento de relações de cunho narcísico, em que os indivíduos percebem as outras pessoas apenas como objeto da satisfação de suas necessidades, ao invés de tolerar os seus próprios impulsos e vivenciar a necessidade de fazer reparação. Tais relações ativam defesas como a idealização e a negação, com o indivíduo buscando um controle onipotente sobre os objetos, não tolerando a frustração.

Outro aspecto de destaque na análise realizada é a visão dos próprios indivíduos sobre si, a partir de uma perspectiva pessimista, desesperançosa e fracasso nos contatos sociais. Eles se queixam de solidão e ressaltam que a falta de uma relação amorosa os aparta da humanidade, relatando que merecem a infelicidade perpétua. Neste estado, os *incels* parecem lidar de forma mais intensa com a angústia depressiva, voltando as recriminações realizadas ao objeto parcial contra si. Supõe-se que as descrições de si próprios como sujeitos infelizes estão vinculadas ao advento da culpa intensa associada à consciência dos danos causados ao objeto, visando uma punição contra si mesmos tentando reduzir a ansiedade pelos estragos infligidos.

As descrições de si como sujeitos incapazes, falhos e maus, podem estar associadas à desvalorização do *self*, que pune o sujeito por invejar e desejar a destruição do objeto, decorrendo a culpa por sentir-se incapaz de salvá-lo. Assim, falas com teor suicida podem ser entendidas como manifestações melancólicas, em que o indivíduo atribui recriminações ao ego como forma de minimizar a ansiedade consequente da sensação da perda do objeto, que advém de seu fracasso em estabelecer a internalização de um objeto total, não cindido.

Tais construções de significado permitem teorizar que, psiquicamente, os *incels* são marcados por uma elaboração insatisfatória da posição depressiva, que não sustenta a internalização dos objetos de modo seguro, com culpa por suas fantasias agressivas e temor pela destruição realizada, necessitando recorrer ao uso intenso de defesas para tolerar a ansiedade decorrente. A insegurança acerca das qualidades do objeto também contribui para esta ansiedade e demanda a mobilização de outras defesas para conter os ataques provocados pela internalização insatisfatória de um objeto bom, cuja percepção pode se transformar na de um objeto danificado e tóxico para o sujeito. O emprego excessivo de defesas como a negação e a cisão, pode produzir estados fragmentados no ego.

## Considerações Finais

A filosofia da pílula negra é calcada em uma visão desesperançosa da realidade, perspectiva adotada pelos *incels* para explicar seu insucesso nos relacionamentos amorosos e sua percepção de que seu mundo busca prejudicá-los. Esta perspectiva também ampara suas atitudes de caráter depressivo, como a ausência de interesse em estabelecer novas relações, os sentimentos de menos valia e falas acerca do suicídio. Entende-se que este contexto lhes é fonte de sofrimento psíquico intenso, que ao se agruparem na *internet* produzem espaços para compartilhar suas vivências, buscando interações positivas.

A análise realizada produziu seis categorias de análise, com as seguintes temáticas: a crença em um mundo hostil, sentimentos de solidão e exclusão, desejos de vingança e retratação, desesperança e suicídio, sua visão distinta sobre o sexo, masculinidade e feminilidade, e seu senso de privilégio ferido. A interlocução da teoria psicanalítica com tal material sugeriu que a hostilidade que relatam – percebida em manifestações contra terceiros, contra si próprios ou vinda de terceiros contra si – é consequência de um processo falho de preservação e de internalização dos aspectos amorosos de seus objetos internos, circunstância psíquica produtora de ansiedade e que requer uso de mecanismos defensivos. Algumas das defesas que se supõe ser utilizadas provocam cisões tanto no ego quanto nos objetos, afetando a internalização de aspectos associados aos objetos bons, como a segurança e a gratidão. Esta internalização precária pode afetar de forma negativa a capacidade do indivíduo de estabelecer vínculos afetivos e vivenciar sentimentos amorosos, além de favorecer vivências melancólicas.

Assim, tais conclusões contribuem para uma reflexão acerca deste grupo de indivíduos, que em suas narrativas centram-se em um discurso misógino e de ódio. Compreender o significado de tais discursos oferece possibilidades para outros estudos sobre o assunto, considerando que este estudo psicanalítico não buscou esgotar a discussão sobre a temática. A realização de pesquisas com enfoques diferentes, tais como análises a partir dos estudos de gênero e perspectivas socioculturais ampliariam o entendimento acerca deste grupo, permitindo trazer mais clareza acerca do sofrimento dos *incels*, bem como de suas limitações e impossibilidades de vislumbrar uma vida com mais contato com sentimentos de esperança.

## Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

## Referências

- BAELE, S. J.; BRACE, L.; COAN, T. G. From “Incel” to “Saint”: Analyzing the violent worldview behind the 2018 Toronto attack. **Terrorism and Political Violence**, v. 33, n. 8, p. 1667-1691, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09546553.2019.1638256> Acesso em: 12 ago. 2023.
- DONNELLY, D.; BURGESS, E.; ANDERSON, S.; DAVIS, R.; DILLARD, J. Involuntary celibacy: A life course analysis. **Journal of Sex Research**, v. 38, n. 2, p. 159-169, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00224490109552083> Acesso em: 28 jul 2023.
- FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. 12. Tradução de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 170-194.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. 14. Tradução de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 120-178.
- FREUD, S. Terceira parte: teoria geral das neuroses. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol.13. Tradução de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 264-498.
- GING, D. Alphas, betas, and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere. **Men and Masculinities**, v. 22, n. 4, p. 638–657, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1097184x17706401> Acesso em: 11 jul. 2023.

- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios**. Tradução de M. A. F. Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2005.
- HINSHELWOOD, R. D. **Diccionario del pensamiento kleiniano**. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- HØILAND, T. **Incels and the stories they tell**. Oslo, Noruega. (Dissertação de Mestrado), Universidade de Oslo, 2019. Disponível em: <https://www.duo.uio.no/handle/10852/69841> Acesso em: 02 ago. 2023.
- HUNTE, Z. **'Female Nature, Cucks, and Simps': Understanding Men Going Their Own Way as part of the Manosphere**. Uppsala, Suécia. (Dissertação de Mestrado), Universidade de Uppsala, 2019. Disponível em: <https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1331052/FULLTEXT01.pdf> Acesso em: 22 jul. 2023.
- KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: KLEIN, M. **Obras Completas**. Vol. 3. Tradução de E. M. Rocha; L. P. Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991a. p. 17-43.
- KLEIN, M. Sobre a teoria da ansiedade e da culpa. In: KLEIN, M. **Obras Completas**. Vol. 3. Tradução de E. M. Rocha; L. P. Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991b. p. 44-63.
- KLEIN, M. Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: KLEIN, M. **Obras Completas**. Vol. 3. Tradução de E. M. Rocha; L. P. Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991c. p. 85-118.
- KLEIN, M. Inveja e gratidão. In: KLEIN, M. **Obras Completas**. Vol. 3. Tradução de E. M. Rocha; L. P. Chaves. Rio de Janeiro, RJ: Brasil, 1991d. p. 205-267.
- KLEIN, M. Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: KLEIN, M. **Obras Completas**. Vol. 1. Tradução de A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 304-329.
- KLEIN, M. O desmame. In: KLEIN, M. **Obras Completas**. Vol. 1. Tradução de A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 331-345.
- KLEIN, M. Amor, culpa e reparação. In: KLEIN, M. **Obras Completas**. Vol. 1. Tradução de A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 346-384.
- KLEIN, M. Prefácio à terceira edição. In: KLEIN, M. **Obras Completas**. Vol. 2. Tradução de L. P. Chaves. Rio de Janeiro, Brasil: Imago, 1997. p. 17-18.
- LILLY, M. **'The World is Not a Safe Place for Men': The Representational Politics of the Manosphere**. Ottawa, Canadá. (Dissertação de Mestrado), Universidade de Ottawa, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0007114508981460> Acesso em: 30 jul. 2023.
- MANIVANNAN, V. Tits or GTFO: The logics of misogyny on 4chan's Random - /b/. **The Fibreculture Journal**, v. 158, n. 22, p. 109-132, 2013. Disponível em: <http://fibreculturejournal.org/wp-content/pdfs/FCJ-158Vyshali%20Manivannan.pdf> Acesso em: 28 jun. 2023.
- MAXWELL, D.; ROBINDON, S. R.; WILLIAMS, J. R.; KEATON, C. "A Short Story of a Lonely Guy": A Qualitative Thematic Analysis of Involuntary Celibacy Using Reddit. **Sexuality and Culture**, v. 24, n. 6, p. 1852-1874, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12119-020-09724-6> Acesso em: 15 jul. 2023.
- MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, v. 22, n. 37, 7-32, 1999.
- SCHMITZ, R. M.; KAZYAK, E. Masculinities in cyberspace: An analysis of portrayals of manhood in men's rights activist websites. **Social Sciences**, v. 5, n. 2, p. 1-16, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/socsci5020018> Acesso em: 29 jul. 2023.
- VAN VALKENBURGH, S. P. Digesting the Red Pill: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere. **Men and Masculinities**, v. 24, n. 1, p. 84-103, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1097184X18816118> Acesso em: 03 ago. 2023.
- ZIMMERMAN, S.; RYAN, L.; DURIESMITH, D. Recognizing the violent extremist ideology of 'incels'. **Women In International Security – Policy Brief**, p. 1-5, 2018. Disponível em: <https://www.wiisglobal.org/publication/recognizing-the-violent-extremist-ideology-of-incels/> Acesso em: 05 ago. 2023.